

## O QUE É A FILOSOFIA ANTIGA?

Henrique C. de Lima Vaz  
CES — BH

PIERRE HADOT - *Qu'est-ce que la philosophie antique?* Paris, Gallimard (Folio-Essais), 461 pp., 1995.

Pierre Hadot é conhecido e eminente especialista das pesquisas sobre a filosofia da Antigüidade tardia e especialmente do neoplatonismo. Dirige uma nova tradução do *corpus* plotiniano em francês, nas Éditions du Cerf, acompanhada de introdução, comentários e notas, para a qual já contribuiu com importantes traduções de *Enéadas tr. 50* (III, 5); *Enéadas tr. 38* (VI, 7); *Enéadas tr. 9* (VI, 9). Enriqueceu os estudos plotinianos com uma brilhante introdução sob o título *Plotin ou la simplicité du regard* (1989). Renovou nosso conhecimento do retórico Mário Vitorino, provavelmente o primeiro neo-platônico cristão de expressão latina, cuja influência sobre Santo Agostinho é conhecida, e do filósofo neo-platônico Porfírio, o biógrafo de Plotino, com a monumental monografia *Porphyre et Victorinus*, 2 vols., 1968.

Além dos trabalhos de erudição Pierre Hadot vem se dedicando, em colaboração com sua esposa Mme. Ilsetraut Hadot, igualmente especialista bem conhecida da filosofia e cultura da Antigüidade tardia, a estudos de interpretação do fenômeno cultural tão característico da cultura greco-romana que é a *philosophia* ou, mais exatamente, o *bios philosophikos*, a vida filosófica. Trata-se de um fenômeno com-

plexo e rico de facetas diversas e que iria marcar, de maneira aparentemente definitiva, a vida espiritual e cultural do Ocidente, prolongando de certo modo sua presença até nossos dias. Na investigação e interpretação desse fenômeno, Hadot faz parte, aliás, de um grupo de estudiosos no qual se incluem, além de I. Hadot, P. Rabbow, A.-J. Voelke, historiador suíço recentemente falecido a quem o presente livro é dedicado, J. Dománski e outros.

Antes de tentar a síntese que estamos apresentando, P. Hadot estudou aspectos da "vida filosófica" reveladores da sua natureza. Dois desses aspectos merecem ser mencionados: a filosofia como "exercício espiritual" ou como origem de uma prática de vida interior que, recebida pela espiritualidade cristã, estava destinada a uma longa tradição (ver *Exercices Spirituels et philosophie antique*, 3. éd., Paris, Les Études Augustiniennes, 1993); e a concepção estoica da filosofia como fortaleza interior, que torna o filósofo, qualquer que seja sua situação social, imune e mesmo indiferente aos azares da fortuna e às vicissitudes da vida. P. Hadot estudou esse aspecto numa magistral interpretação dos *Pensamentos* de Marco Aurélio, que lança muita luz sobre a significação da "vida filosófica" na paisagem humana e social da Antigüidade tardia: *La Citadelle intérieure: introduction aux Pensées de Marc-Aurèle*, Paris, Fayard, 1992.

Por outro lado, como preâmbalo à presente síntese, P. Hadot traçou o programa das suas pesquisas e as grandes linhas da sua visão da filosofia antiga, sobretudo helenística, na lição inaugural do seu primeiro curso no *Collège de France* em 1983: *L'histoire de la pensée hellénistique et romaine* e em artigo no anuário da mesma instituição (1984-1985): *La philosophie comme manière de vivre*. Esses dois textos estão reproduzidos em *Exercices Spirituels et philosophie antique*, 2a. ed., pp. 197-227. Todos os seus trabalhos anteriores preparavam, pois, o Prof. Pierre Hadot para oferecer-nos uma brilhante interpretação da filosofia antiga que responde, de um ponto de vista fundamental mas que tem merecido pouca atenção dos historiadores, à pergunta sobre a natureza desse fenômeno espiritual e intelectual único que atravessa toda a história cultural e social da Antigüidade.

Qualquer leitor de Platão sabe que a filosofia, cujas características aparecem já plenamente definidas nos *Diálogos*, não era apenas uma disciplina intelectual entre outras e, menos ainda, uma área de especialização da cultura superior, tal como a praticamos hoje. Trazendo os traços da sua origem religiosa, visíveis e permanentes desde a *conversão* platônica até ao *êxtase* plotiniano, a filosofia era um estilo ou modo de vida (*tropos tou bíou*) que se diferenciava segundo as diversas escolas ou tradições — platônica, aristotélica, epicurista, estoica, cínica, cética, neo-platônica, para falar das principais — mas que era reconhecido genericamente pelas suas duas exigências funda-

mentais: a mudança radical na conduta da vida e a fundamentação dessa mudança numa explicação racional total da realidade, abrangendo os três grandes campos da lógica, da física e da ética. A tradição posterior conservou a dimensão racional da filosofia, tendo sido a sua dimensão existencial ou espiritual herdada mais tarde pela tradição da espiritualidade cristã. O mérito de P. Hadot foi o de tentar reconstituir, apoiado em extensa e sólida erudição e em fina sensibilidade histórica, a figura da filosofia antiga nos seus dois aspectos fundamentais, e o de oferecer-nos assim uma contribuição inestimável para uma compreensão mais profunda da história espiritual do Ocidente. Essa, com efeito, enumera entre suas constantes e manifesta como uma das suas componentes estruturais a tensão permanente entre a razão e a vida, que passam a constituir os polos de uma dialética sempre renascendo em novas formas e da qual a vida filosófica foi, na Antigüidade, o emblema e como que o primeiro ensaio de efetivação histórica.

O livro de P. Hadot segue a costumeira ordem cronológica. A primeira parte estuda o aparecimento da noção de *philosophia* como uma das iniciativas culturais mais significativas da passagem da cultura arcaica para a idade clássica. A emergência de Atenas como centro e símbolo da atividade filosófica no V século merece particular atenção e nela é ressaltada a figura paradigmática de Sócrates como marco inicial e gênio tutelar da longa história do bios *philosophikós*. A primeira e mais célebre definição do philosophos é devida, como se sabe, a Platão. Hadot nos dá uma penetrante interpretação dessa definição tal como aparece realizada exemplarmente no Sócrates do Banquete e, ao mesmo tempo, lembra a alternativa de um filósofo *honnête homme*, proposta por Isócrates. Na segunda parte são estudadas, sob o prisma do ideal da vida filosófica, as grandes escolas que se sucedem e sobrevivem ao longo de toda a Antigüidade: Platão e a Academia, Aristóteles e sua escola, as escolas helenísticas, com realce particular para o epicurismo e o estoicismo, e as sobrevivências do aristotelismo, da Academia, bem como o ceticismo. Em seguida são consideradas mais brevemente as escolas filosóficas na idade imperial e aí a atenção se volta sobretudo para o neo-platonismo e para os grandes iniciadores Plotino e Porfírio, sendo feita igualmente uma referência à aliança entre filosofia e teurgia nas escolas pós-plotinianas. Essa segunda parte se encerra com uma importante seção, talvez o centro de equilíbrio do livro, sobre "Filosofia e discurso filosófico". Ao reconhecer a ambigüidade do discurso filosófico, que pode degenerar em "sofística" desde que não seja acompanhado por uma "conversão" verdadeira e um novo "modo de vida", a tradição filosófica antiga mostra que discurso e vida são ao mesmo tempo inseparáveis e irreduzíveis um ao outro, cada qual conservando a sua especificidade (pp. 265-275). Desta sorte é possível transpor para as

duas dimensões da *philosophia* na concepção antiga, o dito célebre de Kant: a vida filosófica sem o discurso é cega; o discurso sem a vida filosófica é vazio. Para mostrar em concreto essa unidade na diferença entre vida filosófica e discurso filosófico, Hadot expõe, em páginas de grande riqueza documental, as duas práticas mais características da vida filosófica: os exercícios espirituais e a contemplação do sábio (pp. 276-350). A terceira parte é dedicada a uma breve evocação do destino posterior da "filosofia como modo de vida" na cultura ocidental. Dois eventos espirituais importantes são aqui assinalados: o primeiro o encontro da vida filosófica com o cristianismo nascente; o segundo a sobrevivência de alguns traços da concepção antiga na filosofia moderna.

O destino da *philosophia* nos tempos que se seguiram ao fim da Antigüidade segue um roteiro singular. É sabido que, pelos menos desde o II século, com São Justino, os apologistas cristãos apresentaram a forma de vida e a doutrina propostas pela nova religião como a *vera philosophia*, e reivindicaram para si o título de *philosophoi*. É verdade que essa receptividade ao pensamento e ideal de vida filosóficos, reinterpretados segundo as exigências doutrinárias e éticas do *quérigma cristão*, encontrou desde o início oposição decidida em autores como Taciano e Tertuliano, dando origem, de resto, a uma tradição anti-filosófica que alcançará os tempos modernos com Pascal, S. Kierkegaard e outros. Prevaleceu, no entanto, a idéia da *philosophia christiana* celebrada por Santo Agostinho e que dará seus frutos mais amadurecidos com Tomás de Aquino e a escolástica medieval. Nessa transposição cristã da antiga *philosophia* verificou-se, porém, uma separação entre o modo de vida e o discurso. Este passa a integrar a *theologia* num sentido já especificamente cristão e que irá constituir um corpo teórico sempre mais vasto e complexo. Já o modo de vida é transposto para a prática espiritual cristã, começando pelo monaquismo de expressão grega nos fins do III século, e ela herdará muito dos estilos de vida e dos exercícios espirituais dos filósofos antigos. Assim a história da espiritualidade cristã pode ser lida como a continuação em outro clima espiritual e obedecendo a outras motivações, do antigo *bios philosophikos*.

Como mostrou, entre outros, A. de Libera (ver pp. 392-394) o ideal da vida filosófica renasce por um momento no seio das Faculdades de Artes da Universidade medieval nos fins do século XIII, sob a influência sobretudo da recém traduzida *Ética de Nicômaco*. A atração desse ideal atravessa o fim da Idade Média e persevera na Renascença, atingindo os começos da filosofia moderna. Embora os tempos modernos venham a consagrar cada vez mais a filosofia como uma das disciplinas que constituem a enciclopédia do ensino superior institucionalizado na Universida-

de, traços da concepção antiga da filosofia como "modo de vida" subsistem, referindo-se Hadot particularmente a Descartes e Kant (pp. 395-407).

Nas "Questões e perspectivas" que terminam o livro, P. Hadot se interroga sobre a possível significação atual da concepção antiga da filosofia, para além do seu interesse meramente histórico. O historiador parece convencido de que a filosofia não apenas como disciplina intelectual mas como estilo de vida, conserva ainda um sentido nos nossos tempos utilitaristas e dominados pela tirania do imediato. É a evocar os aspectos da "vida filosófica" do ponto de vista da sua atualidade que P. Hadot dedica as últimas páginas do seu livro.

Um lapso na útil Cronologia em apêndice: o advento de Augusto e o começo do Império são colocados em 27 depois de Cristo, quando se trata de 27 antes de Cristo (p. 437).

Endereço do Autor:  
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127  
31720-300 Belo Horizonte — MG